

DIÁLOGOS SOBRE O ESPAÇO: UMA GEOLITERATURA DO MUNDO DA TÉCNICA NO TRIÂNGULO MINEIRO

Adriana Lacerda de Brito (CEFET MG)¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é iniciar uma reflexão teórica acerca do espaço e da técnica tendo como eixo norteador a Geoliteratura do mundo da técnica no Sertão de Passagens, lugar que deu origem à região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. A partir da noção de Geoliteratura, pretendemos demonstrar como as diferentes literaturas propõe perspectivas teóricas complementares, que anunciam a formação de certa sociedade, assim como analisar a maneira como a obra literária é compreendida pela filosofia da ciência e da arte ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Espaço; Geoliteratura; Mundo rural

O mundo rural a partir das narrativas literárias é o tema do presente trabalho. Para tal proposta, selecionamos os livros de Ernesto Rosa e Mario Lara, que tratam da formação da região do Triângulo Mineiro desde os seus primórdios. Assim, as obras *Sertão da Farinha Podre: Romance Histórico dos Primórdios*. IPIACUPA e *Nos Confins do Sertão da Farinha Podre*, respectivamente de Rosa (2013) e Lara (2009), nortearão nossa análise, com o objetivo de conhecer as possíveis relações que se organizam. Trata-se de levantar reflexões sobre o mundo rural, através de uma perspectiva multidisciplinar, porém com ênfase na geoliteratura.

Considerando os aspectos relacionados aos primórdios da organização territorial brasileira e as especificidades locais que constituíram a sociedade no interior do Brasil do século XIX, a porção do território mineiro onde localizava-se o Sertão da Farinha Podre possui hoje um expressivo investimento técnico e tecnológico no meio rural. É preciso lembrar que o Triângulo Mineiro desponta hoje como um importante centro do agronegócio e de inovações técnicas que colocam esta região em posição de destaque na economia no país.

Reconhecemos de ante mão, a necessidade e a importância do tratamento de uma metodologia que evidencie uma etnografia histórica, ou uma etnohistória. A preocupação em figurar uma caracterização acerca dos índios, negros e camponeses, cuja cultura fazia frente ao modelo patriarcal da época, entretanto, não se deu por duas razões que explicamos aqui: A pesquisa etnográfica ou etnohistórica direcionaria a

¹Licenciada e bacharela em Geografia e Análise Ambiental pelo Centro Universitário de Belo Horizonte, mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia e mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. alacerdab@hotmail.com

pesquisa para um resgate de memórias que ultrapassam o nosso tempo destinado a este trabalho, em termos de volumes de dados a serem coletados e analisados. Além disso, o interesse principal deste trabalho está voltando para uma possibilidade de convergência de bases teóricas que se afirmam sobre o espaço geográfico e literário, revelando uma geoliteratura, de referências deleuzianas.

A Geoliteratura, tal como a Geofilosofia, são termos recentes da filosofia que procuram uma convergência entre os campos da Geografia e da Literatura sob a noção de território e espaço. Esta definição é feita por Gilles Deleuze em sua obra *O que é a Filosofia?* (1992), onde o autor destaca o trânsito do pensamento em que o território se realiza, e supõe uma mudança, ou uma desterritorialização, quando se coloca em questão a alteridade. Falar em Geoliteratura diz respeito, portanto, à territorialidade construída em determinado ‘espaço-tempo’ através de uma forma particular de estruturação social no espaço. Esta lógica considera uma maneira própria de valorização do meio e da visão de mundo onde ela se define a partir da identidade que se estabelece com a terra. Ou, em sentido mais estreito, utilizaremos da Geoliteratura para refletir sobre o mundo rural com teóricos da geografia crítica, Milton Santos e Henri Lefébvre em diálogo com autores, como Antônio Cândido e Caio Prado Junior.

Assim, a fundamentação teórica atravessa os campos da literatura e da geografia, mas também das Ciências Sociais. Pois, uma vez que fundamentada em teóricos críticos, procura por territórios críticos, que possam fazer com que a literatura e a geografia questionem a interpretação de determinada ação ou pensamento.

Partir, partir, evadir-se (...) atravessar o horizonte, penetrar em uma outra vida (...) A linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não sabem bem o que é isto. Evidentemente eles fogem como todo mundo, pensam que fugir é sair do mundo, mística ou arte, ou melhor que é algo covarde, pelo fato de se escapar aos compromissos e às responsabilidades. Fugir, não é renunciar às ações, nada mais ativo do que uma fuga. (DELEUZE, 1992, p.47)

Através da Geoliteratura, pretendeu-se identificar as diferenças que estão “por trás” da formação desta sociedade, assim como analisar a maneira como esta é compreendida pelos leitores das obras ao longo dos tempos.

O primeiro livro selecionado para a pesquisa é um romance escrito por Ernesto Rosa (2013) sob o título de *Sertão da Farinha Podre Romance*. Histórico dos

Primórdios. O autor trata da saga do protagonista que segue em fuga para a região e se depara com um sertão ao mesmo tempo vazio e promissor, em vista da invasão colonial.

O enfoque teórico em Foucault (2001) coloca em evidência outro importante aspecto da pesquisa. Ele orienta o deslocamento de pensamento para “outros espaços”, espaços outros, que consideram não apenas o ideal comum do sonho e da utopia dita civilizacional; mas ao oferecer o conceito de heterotopias, o autor anuncia as diferenças de sonhos, de espaços outros, de interesses regionais, identitários e pessoais que não estão de acordo com a norma empregada pela sociedade moderna, ou pelo tramite convencional da pesquisa científica em humanidades no Brasil. São espaços teóricos que ao serem percebidos, construídos e descobertos à luz da análise profunda, precisam ser colocados em evidência.

Por forjar a identidade ao longo da trama, Domingos, o protagonista da obra, se esforça em conseguir estabelecer-se no local, apesar dos conflitos entre colonizadores, índios e ex-escravos; além disso, vive os conflitos típicos do desbravamento de um novo lugar no interior das terras brasileiras. Em sua estadia, verifica-se a organização social inicial que sugere base para a fixação de moradia e o povoamento rumo ao progresso.

A narrativa, com muitas passagens análogas à conhecida obra de Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, tenta uma versão triangulina, que mais revela da personalidade da região pelos aspectos minuciosos dos casos e “causos”, do que pelo potencial lingüístico esperado de um romance em sua produção imaginária da representação do espaço. Rosa se aproveita da história local contada por gerações em sua terra natal, Araxá, também pelo uso de metáforas que permitem analogias e contextos de vida onde a figura transpassa a imagem e se concretiza no tempo; e, em poucas ocasiões, é possível perceber um cuidado do autor em buscar fontes científicas rigorosas que possam respaldar algum fato histórico, ou qualquer menção à cultura local.

Mário Lara, por sua vez, escreve um romance sob outro interesse. A obra *Nos Confins do Sertão da Farinha Podre. Povoamento, Conquistas e Confrontos no Oeste das Minas* (2009) é um resgate histórico das famílias e da sociedade, a partir de uma genealogia que procura através de documentos e arquivos, conhecer o modo de vida e a realidade de uma época. Assim, o autor utiliza de fontes como arquivos históricos,

acervos institucionais, cartórios, e outros, para revelar dados aproveitados na organização territorial da região, procurando representar com fidelidade a materialidade em que se edifica o progresso regional.

Ora semelhantes, ora distintas, as versões dos autores selecionados sobre o Sertão da Farinha Podre e o mundo rural que dele se produz, retomam aspectos originais da sociedade como o patriarcado, as noções de progresso e o interesse da inserção local na economia global. São narrados, também, costumes, hábitos e tradições, maneiras de lidar com a terra e de se aproveitar da natureza que o ambiente de planaltos com cerrado oferece a atividade humana. Neste sentido, a maneira como são abordadas as relações sociais, humanas e ambientais colocam em evidência muitas das relações de poder que se infiltraram na sociedade e podem ser percebidas até os dias atuais, por exemplo, como as relações familiares.

O Sertão da Farinha Podre, denominação conferida ao Triângulo Mineiro pelos primeiros tropeiros e bandeirantes que o desbravaram, é palco das narrativas do Sertão da Farinha Podre. Romance histórico dos primórdios IPIACUPA (2013) de Ernesto Rosa, e do livro Nos Confins do Sertão da Farinha Podre de Mário Lara (2009). Estes autores apresentam abordagens que remontam, a partir de narrativas, a história do lugar através da experiência vivida durante o processo de ocupação territorial, que culminou no domínio das terras por parte dos bandeirantes e no estabelecimento político e administrativo das regiões de Minas Gerais. A (re) produção do espaço, que se define no processo posterior a esta invasão, retoma algumas das características particulares do mundo rural que são notados nas noções de progresso e funcionalidades locais a partir da paisagem.

Embora tenha sido negligenciada por muitos autores, a técnica rural indígena e quilombola foi intensamente empregada entre os sertanistas e legada como herança aos camponeses, perseverando, assim, o efeito da manutenção de uma forma de saber local. Assim, pretende-se resgatar uma perspectiva particular do mundo rural, sua natureza intrínseca, e contrapô-la à perspectiva da tecnociência, tal como ela figura entre as teorias do pensamento único no sistema global. O contexto histórico a que reportamos sugere breves apontamentos tanto na escala global, quanto local, que subsistem no Sertão da Farinha Podre e que configuram uma estrutura agrária preliminar no Triângulo Mineiro.

De acordo com Brandão (1989), o Triângulo Mineiro possui as heranças históricas que privilegiam sua localização quanto aos pontos de passagem, abastecimento, e interseção. A forma de um triângulo é representada na região desde o período colonial em sua figura regional e nacional, quando iniciaram as passagens de São Paulo para Goiás, rumo ao Planalto Central. Para ele, a questão regional do Triângulo Mineiro, não é apenas regional (1989, p.176) porque ao longo da sua história econômica e social ela é marcada por condicionantes internos e externos que inserem uma infra-estrutura hegemônica contrária aos hábitos, costumes e tradições locais.

Antônio Cândido (2001), ao definir as formas de povoamento disperso, chama de transitório o morador que não tendo títulos legais, pode a cada momento perder a terra onde mora. “As origens da sua fixação podem ser muitas; em nossa formação destacam-se os foragidos das autoridades, por infrações quaisquer, e, por isso mesmo, interessado em se isolar” (CÂNDIDO, 2001, p. 73). O autor do romance observa que o início da ocupação do Sertão da Farinha Podre apresenta muito desses tipos. A falência da economia mineira leva muitos trabalhadores a buscarem alternativas de modos de vidas distantes do fisco de Portugal. Se em princípio havia uma espécie de “sabotagem” do valor estipulado a ser pago, com o tempo a cobrança torna-se inviável para a maioria dos habitantes locais da Capitania de Minas.

Consideramos que a base econômica e material disponível no território são determinações que se furtam ao conceito de superestrutura dado por Marx e Engels.

Segundo a concepção materialista da história, na produção da vida os homens geram também outra espécie de produtos que não tem forma material: as ideologias políticas, concepções religiosas, códigos morais e estéticos, sistemas legais, de ensino, de comunicação, o conhecimento filosófico e científico, representações coletivas de sentimentos, ilusões, modos de pensar e concepções de vida diversos e plasmados de um modo peculiar. (QUINTANEIRO, 2002, p.37)

Em toda a narrativa, aspectos naturais do território e dos modos de vida são colocados em evidência; estão presentes as estreitas relações institucionais, sociais e familiares, em que a sociologia rural oferece uma imagem de campo e de ruralidade que aproxima os homens da natureza vivida, fonte necessária para repensar as análises científicas do campo. Trata-se, portanto de repensar as categorias do campo para responder as questões contemporâneas do nosso tempo. Para Henri Lefebvre

la historia y sociologia rural es fueron objeto de um audaz raptó ideológico. Se La doctrina de los fisiócratas refleja las ideas e intereses de la gran burguesía progresista del siglo XVIII, las teorías de Le Play expresan claramente las preocupaciones y los fines de la burguesía en el poder. Por qué Le Play se interesó por los campesinos, las comunidades familiares y rurales? Porque en ellas descubre virtudes, valores morales: La estabilidad, la obediencia, La resignación. (LEFEBVRE, 1975, p. 22)

Neste caso, consideramos elementos que não tem forma material, tais como: ideologias políticas, concepções religiosas, códigos morais e estéticos, sistemas legais de ensino, de comunicação, o conhecimento filosófico e científico, representações coletivas de sentimento, ilusões e modo de pensar. Pois como disse Marx, citado por Quintaneiro (QUINTANEIRO, 2002, p.37), e posteriormente lembrado por Raymond Williams (WILLIAMS, 1979, p.79), “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.”

Prado Júnior, no livro *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), dedica um capítulo ao tema “O Sentido da Colonização e o Povoamento”. Marxiano, Prado Júnior considera que sentido é a essência do fenômeno (2002, p. 1112) e, portanto, destaca que o sentido é sempre dialético. A essência do fenômeno é a categoria explicativa básica para a reconstrução da realidade. Para ele são importantes dois movimentos para a apreensão da realidade: a aparência que se movimenta para a essência, e um segundo movimento desta para a realidade. Por isso, se Gilberto Freire analisa o Brasil a partir do seu passado, Prado Júnior, ao contrário, pensa sempre o país pelas suas potencialidades, isto é, pelo que pode vir a ser, pelas suas possibilidades. Cabe destacar que se esta visão é considerada utópica, a primeira é precisamente nostálgica, trata-se de um debate sobre a decadência e a ascensão econômica brasileira em período de modernização.

Lembramos que em 1930, o Brasil vivia o modernismo e se preocupava intensamente com questões relacionadas à realidade. A ciência, tal como as artes, e a sociedade da época viviam aquilo que Alain Badiou (2007) definiu como “paixão pelo real”. O interesse em descobrir, alcançar, e aproximar-se do que ‘real’ também teve seu desdobramento no movimento modernista, que alterava as referências de base das tradições já arcaicas que não respondiam pelas questões contemporâneas que se impunham. Prado Júnior (2014) atenta ao fato de que

Qualquer análise social é sempre afetada, consciente ou inconscientemente, pela posição política do analista. Ele deve por isso fazer que o seja conscientemente, a fim de não embaralhar a matéria e divagar sem rumo preciso. (PRADO JR, 2014, p. 297)

Sobre esse prisma, são notadas as descobertas paisagísticas combinadas com as potencialidades econômicas e, sobretudo, com a atividade agropecuária que substituiu gradativamente o período do minerador. Expedições científicas, caravanas de mercadores, tropas comandadas pelo império contra os grupos territoriais tradicionais, dos índios Caiapós ou dos ex escravos organizados em quilombos, contribuem para revelar uma narrativa que alterna pontos de vistas sob questões das quais o discurso recorrente para a análise de uma sociologia rural emerge da burguesia, dos fisiocratas e dos homens de poder.

Mas como é possível compreender o *rural*? A interpretação de um espaço rural no mundo contemporâneo não escapa à geoliteratura da qual ela está inserida. Assim, pensar um espaço rural requer pensar a sua literatura, sua geografia, sua sociedade e os mecanismos técnicos promovidos no tempo em que se figuram no espaço. A constituição de uma estrutura, segundo Santos (2014), implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção (SANTOS, 2014, p.69) e expõe, assim, a espacialidade dos objetos interdependentes que se organizam sobre a armação de um sistema técnico, por sua vez, hegemônico, formal e determinante para a compreensão da evolução do espaço e da técnica na região.

Entre o sistema e os objetos está o fluxo, o ritmo, ou um conjunto contínuo de valores específicos da vida no campo em que as ações oscilam entre as tradições e a modernidade. Esse fluxo, comumente analisado a partir de categorias temporais, investe-se também do espaço quando reveladas as materialidades locais. O carro de boi (transporte/deslocamento), o fogão à lenha (alimentação), os teares e as construções de casas (habitação) são, portanto, alguns dos símbolos materiais do mundo rural que representam as tradições e os hábitos locais exteriores, que vão sendo interiorizados pelos habitantes e pela sociedade que se organiza. Estas são algumas das características do período da formação do Sertão da Farinha Podre que persistiram no tempo.

A dimensão rural cotidiana e a materialidade representada na inserção técnica estruturam outras formas de uso e ocupação do espaço, ao passo que desconstruem o

sertão, instituindo-se, assim, um modelo de combinação que supõe o conflito entre a “civilização e a barbárie”, a subsistência e o mercado. O rural capitalizado inseriu-se nas culturas e nas tradições oferecendo um novo sentido e significado à natureza local e, portanto, uma nova maneira de lidar com, e de se apropriar da terra.

A estrutura de um mundo rural congrega a integração de tradições e de modernidades, e articula as potencialidades naturais do sertão às técnicas mais avançadas da civilização para a época. As múltiplas identidades que gradativamente se inserem no local através de processos migratórios distintos, contribuíram para que a reprodução do capital, por meio da inserção técnica, controlasse a região de maneira invasiva, subjugando povos, costumes e tradições. Por outro lado, ainda que subjugados, podemos considerar valiosas as contribuições de tradições locais para estes estrangeiros que ali se fixavam. Muitas das atividades técnicas originais de índios e quilombos são aproveitadas pelos colonizadores que não detinham conhecimento suficiente para se adequarem aos modos de vida que impunham as realidades do quadro natural local. Nesse contexto, é possível verificar uma relação de troca entre os habitantes e os colonizadores.

Dessa maneira, é possível verificar também que o quadro natural do território ocupado/ invadido do Sertão da Farinha Podre conflitava com as ações típicas de modos indígenas, quilombola e camponês, uma vez que ele atendia às demandas econômicas externas à região. É sob esta perspectiva que sugerimos que os objetos (elementos) e as ações (conjunto) sociais ofereçam uma forma específica no mundo rural no Sertão da Farinha Podre, cujas combinações relacionadas às intertrocas revelam traços particulares da região no cenário regional, nacional e internacional. Assim, Brandão (1989, p.42) destaca como “vocação natural” da região a função abastecedora (ponto de abastecimento); condição de caminho de acesso ao Planalto Central (ponto de passagem); e (interseção) sua localização enquanto entreposto comercial.

Passagem, abastecimento e interseção são a es que definem um espaço poroso, construído por diferentes motivações migratórias e que formaram a personalidade regional do Triângulo Mineiro.

A busca pela rela o entre o espaço e a técnica no mundo rural do Sertão da Farinha Podre através de narrativas literárias que abordam a temática sob uma perspectiva cultural destaca as possibilidades destas rela es se fazerem através da materialidade pensada e organizada por distintos grupos humanos que habitaram o território.

Dessa maneira, definiu-se uma dualidade relacionada às perspectivas dos autores e sua linguagem, considerando a oposição entre o romance e a coletânea de arquivos e documentos, ambos pretensamente assegurando a veracidade dos fatos históricos registrados ao longo do tempo, desde o período colonial até a contemporaneidade. A literatura selecionada para este trabalho consiste em duas maneiras distintas de traduzir o passado sobre o mundo rural subjacente ao território do Sertão da Farinha Podre, Rosa (2013) que expressa em sua narrativa aspectos de sua vivência e Lara (2013) a partir de sua experiência enquanto pesquisador.

Figuram entre os autores, também, a pretensa oposição entre a ciência e arte, uma linguagem denotativa e outra composta de sentimentos profundos do lugar explanados por metáforas. Esta oposição é desvelada ao encontrarmos características de artes e das ciências em ambas as obras, uma vez que Lara (2009) levanta registros pouco conhecidos da região em sua pesquisa, e muitos até então desconhecidos do meio acadêmico, refinando a busca de seu arsenal teórico e de dados que embasem seu estudo sobre o campo; Rosa, por outro lado, se utiliza da linguagem e do pensamento mais relacionado à oralidade dos casos locais repassados através de gerações, famílias e amigos da região de Araxá, onde é nascido.

O levantamento pós *mortem* de fazendeiros é, também, uma refinada seleção deste grupo organizada por Lara (2009), e revela os valores atribuídos aos objetos e instrumentos que seriam repassados aos herdeiros. Tais valores compõem a significação da materialidade apreciada por este grupo e sua importância na produção do espaço. Tais valores são apresentados na obra de Rosa a partir da própria linguagem utilizada pelo autor entre os personagens que alicerçam o romance. A produção do espaço social encontra semelhanças nas obras em relação ao mundo imaginado pelos autores conforme a vivência, concepção e percepção empregadas na narrativa.

O mundo rural narrado por Rosa demonstra que os primeiros personagens que vieram das Minas para se instalar na região estiveram, principalmente, fugindo da cobrança do Quinto e das formas convencionais de exploração da mão de obra e do trabalho no período da colônia.

O elogio ao tempo impõe-se como resistência à ocupação desenfreada que surge a partir das invasões e da promessa de “progresso” que decorre junto a expansão da fronteira brasileira entre os séculos XVIII e XIX. O mundo rural em Lara (2009) expõe atenção ao conflito das classes de fazendeiros, camponeses, povos indígenas e quilombos. Apresenta também, ao contrário da literatura convencional a este respeito, as apropriações de modos de vida e a importância de cada grupo para a formação de uma

unidade regional, política e econômica. Lara (2009), muito mais do que Rosa (2013) apresenta os conflitos marcados entre os camponeses e os fazendeiros nos avanços sociais que introduziram o capital e submeteram as relações de trocas e de solidariedade ao fatalismo de sua quase extinção e permanente exploração face a inserção do capital.

As narrativas sobre o Mundo rural se assemelham quando colocam o SFP sob a condição de sertão de passagem, lugar estratégico no território nacional para deslocamento de mercadorias, mas também de técnicas, culturas, comunicações e transportes.

As imagens da técnica contribuem para a seleção de tradições e de modernidades que se afirmam tanto nas extinções de grupos humanos quanto na sofisticação de instrumentos rústicos que transitam segundo as leis da colônia e os sucessivos tempos que instituem as leis no Brasil. A imagem da técnica, tal como a paisagem, é apreendida pela sociedade e reorganizada segundo sua natureza onde o meio técnico "é a realidade com a qual nos defrontamos" e que, por isso, "é preciso estudá-la com todos os recursos do conhecimento e tentar dominá-la e humanizá-la". (SANTOS, 2014, p.9).

Pensar o mundo rural a partir de narrativas literárias contribui para a busca de melhores caminhos nos avanços sociais e de pesquisa neste campo de conhecimento. Encontram-se na literatura uma geografia que é anterior à estruturação da história convencional, tal como encontra-se na Ciência Geográfica uma literatura que antecede a sua própria história. Assim, entendemos que esta pesquisa não se encerra aqui, e tal como o território que se forma, é apenas um momento de finalização de uma etapa que se coloca como projeto de vida.

A literatura, como foi possível perceber, sintetiza reflexões que reverberam tanto nas artes quanto nas ciências, de maneira que a ruptura desses campos apenas desfavorece as a compreensão do conteúdo das obras e ao que elas se referem. Assim, Rosa e Lara contribuem a sua maneira para uma compreensão do espaço do Triângulo Mineiro e sua formação social, que ora é demonstra uma visão interna e ora uma visão externa a este espaço. Esta relação, dentro e fora, se coloca sob o ponto de vista da vivência dos autores, assim como dos personagens, e torna-se uma "verdade" ao longo do tempo.

Esta "verdade" questiona os espaços reais, traduzindo a cultura passada no presente e em sua renovação. Ao se refletir no presente sobre um espaço pretérito, ou o

envolvimento social que ocorreu no passado de determinado território, as relações sociais, econômicas e humanas passam de um espaço vivido para um espaço concebido, quando as relações internas e externas conseguem afirmar o território, ainda que alternando o sentido do ponto de vista.

Referências

- BADIOU, A. **O século**. São Paulo: Idéias e Letras, 2007.
- BRANDÃO, C. A. **Triângulo: capital comercial, geopolítica e industrial**. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 1989. (Dissertação de mestrado).
- CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Ed 34. São Paulo, 2001.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. **Outros Espaços**. In: MOTTA, M. B. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411 – p.422. Ditos & Escritos vol. III.
- LARA, M. **A Saga da Família Franco**. Das beiras do Rio das Mortes Pequeno aos confins de São Simão. [s. n.], 2012.
- LEFEBVRE, H. **Del Rural a Lo Urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1975.
- PRADO JR, C. **A Revolução Brasileira - A Questão agrária no Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.
- QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M, L, O. ; OLIVEIRA, M, G, M. **Um toque de Clássicos**. Marx, Weber e Durkheim. 2ª. ed. UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- ROSA, E. **Sertão da Farinha Podre**. Romance Histórico dos Primórdios. São Paulo: Paed, 2013.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. 5ª. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- WILLIAMS. R. **Campo e cidade**. Na história e na literatura. São Paulo, Companhia das Letras. 1985.